



Flagrantes artísticos urbanos: o olhar digital antes e durante o isolamento social provocado pela Covid-19

Adriana Silvestrini^[1]

RESUMO: A proposta deste ensaio é refletir sobre sujeitos, corpos, afetos e arte em discursos expostos por meio das tecnologias, antes e durante a pandemia de Covid-19. Os entendimentos de Eni Puccinelli Orlandi e Cristiane Dias sobre as cidades, seus sentidos e suas interações são pontos principais que contribuem para a discussão. O isolamento social, causado pelo contágio do vírus, fez com que as cidades ficassem vazias, mas não caladas. O espaço público sem público deu lugar para intervenções tecnológicas. Frases e imagens foram projetadas nos chãos de praças públicas, nas paredes de edifícios, em viadutos etc. Vozes falando, declamando, cantando, se rebelando ecoaram das janelas e das varandas. A recomendação para ficar em casa ajuda a salvar vidas, mas interfere na mobilidade, no simples ato de ir e vir. Afetada por esse bloqueio momentâneo de circulação, exponho aqui minha subjetividade ao compartilhar meus flagrantes artísticos urbanos registrados pela câmera do meu celular, antes do início do isolamento social. Atualmente, essas são minhas memórias digitais de uma cidade clicável.

PALAVRAS-CHAVE: Corpos. Arte. Isolamento social.

Artistic urban flagrant: digital overview before and during social distancing caused by Covid-19

ABSTRACT: The purpose of this essay is reflecting about subjects, bodies, affections and art in discourses exposed through technologies, before and during the Covid-19 pandemic. The understandings of Eni Puccinelli Orlandi and Cristiane Dias about cities, their senses and their interactions are main points that contribute to the discussion. Social isolation, caused by the contagion of the virus, has left cities empty but not silent. The public space without public gave way to technological interventions. Phrases and images were projected on the floors of public squares, on the walls of buildings, on overpasses etc. Voices talking, chanting, singing, rebelling echoed from windows and balconies. The recommendation to stay at home helps save lives but interferes in the mobility, the simple act of coming and going. Affected by this momentary blockade of circulation, I expose my subjectivity here by showing my artistic urban flagrant recorded by the camera of my cell phone, before the beginning of social isolation. These are currently my digital memories of a clickable city.

KEYWORDS: Bodies. Art. Social distancing.

Março de 2020. A partir dessa data, a maior parte da população mundial se isolou socialmente. O confinamento recomendado em alguns países e obrigatório em outros aconteceu em função do surgimento de um vírus mortal e desconhecido. Instalado no organismo, transmitido pelo ar, tem potencial para aniquilar os pulmões e, conseqüentemente, fazer o coração de qualquer ser humano parar. Um vírus liberto que não têm preferência por cor, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual nem situação econômica.



Na tentativa de impedir o contágio em massa deste vírus que circula livremente entre nós, a OMS (Organização Mundial da Saúde) sugeriu que os governantes bloqueassem, então, a circulação de pessoas em espaços públicos. Enquanto cientistas corriam e ainda correm contra o relógio em busca de respostas e soluções, trancar a vida dentro de casa tornou-se a norma. Mas só para quem tinha/tem um teto para servir de abrigo e o privilégio de garantir sua sobrevivência sem precisar sair de casa. A presença do vírus também escancarou a crise sanitária instalada há anos em bairros, cidades e países subdesenvolvidos. No caso do Brasil, a desigualdade social se apresentou com nome, sobrenome, cor, raça e endereço. O Covid-19 encontrou na população periférica sobrevivente condições muito mais propícias para seu alastramento.

Sem possibilidade de ir à escola, ao trabalho, ao cinema, ao médico, às compras ou simplesmente perambular pelas ruas, indivíduos criaram suas “comunidades” virtuais. Os encontros que, até então, ocorriam em espaços públicos passaram a acontecer em ambientes privados por meio de diferentes dispositivos eletrônicos, sejam eles, celulares, computadores, tablets etc.

As *lives* viraram a sensação do momento ocupando a agenda diária de muita gente, afinal, o que não faltou foi oferta de temas. Teve culinária para quem gostava de cozinhar, meditação para quem quis relaxar, atividade física para quem optou em manter o corpo em forma e declaração de amor para quem arriscou se apaixonar remotamente. A sala de casa, feito camaleão, se transformou no escritório de home office e sala de aula de estudantes, desde a pré-escola até o pós-doutorado. As telas dos aparelhos, novos lugares de disputa de atenção, abrigaram sujeitos interagindo, sozinhos ou acompanhados. Paradoxalmente o espaço privado virou público.

Refletir sobre sujeitos, corpos, afetos e arte em discursos expostos por meio das tecnologias, antes e durante a pandemia de Covid-19, é a proposta deste ensaio. Os estudos feitos pelas pesquisadoras Eni Puccinelli Orlandi e Cristiane Dias, que pensam as cidades com seus sentidos, suas interações e suas conectividades, são pontos principais que contribuem para essa discussão. As cidades ficaram vazias, mas não caladas. O filósofo e linguista francês Michel Pêcheux defendeu em 1969, época da apresentação de sua *Análise de Discurso Francesa*, que o discurso mais do que transmissão de informação é efeito de sentidos entre locutores.

A coletânea *Cidade Atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano* (2001), lançada por Eni Puccinelli Orlandi, apresenta textos que propõem pensar sobre os discursos possíveis na cidade. Um deles – escolhido para citação neste ensaio – é denominado



Tralhas e Troços: o Flagrante Urbano, de autoria da linguista responsável pela obra. Dezenove anos depois da publicação, as reflexões propostas se mantêm atuais e convidam a repensar e a ressignificar os sentidos públicos no espaço urbano em meio uma pandemia que assola o mundo.

Enclausuradas, milhares de pessoas olharam para fora através de suas janelinhas ou varandas gourmet. Algumas, talvez, tenham vivenciado essa experiência pela primeira vez. Uma observação mais atenta ou afetiva naqueles espaços públicos desocupados, porém com sentidos neles contidos.

O corpo do sujeito, esteja ele onde estiver, gera sentidos na cidade ao interagir com os objetos simbólicos nos espaços. Como afirma Eni Puccinelli Orlandi, “o sujeito produz uma realidade estruturada da maneira como esse espaço o afeta, reverberando sentidos do/no imaginário urbano” (ORLANDI, 2001, p. 10).

A proposta de Eni Puccinelli Orlandi, de duas décadas atrás, foi fazer um exercício de atravessamento do imaginário para conseguir ouvir outros sentidos, “aproximando-nos do real da cidade e dos sujeitos urbanos em seu movimento, suas rupturas, sua desordem” (ORLANDI, 2001, p. 10). O desafio é desorganizar o imaginário do urbano e entregar-se ao real da cidade.

Transportando essa experiência para 2020, as questões que permeiam são: que corpos se fizeram presentes nestes primeiros meses do ano nas cidades paralisadas em função da doença? Quais sentidos as cidades produziram? Quais são os flagrantes descobertos nos espaços urbanos em tempos de reclusão?

Mesmo parecendo locais-fantasmas, flagrantes urbanos foram identificados nos espaços. Discursos urbanos foram gestados. A materialidade significativa da cidade se expôs. Já que as pessoas não podiam ir para às ruas para interagir, o recurso de projeção mapeada – técnica que reproduz vídeos sobre objetos ou superfícies – ganhou notoriedade no concreto da metrópole. O espaço urbano foi palco de manifestações, das mais diversas, que se deram graças à tecnologia. Projeções digitais de frases e imagens apareceram nos chãos vazios de praças públicas, nas paredes enormes de edifícios, em viadutos que servem de abrigo aos sem-teto. Vozes falando, declamando, cantando, se rebelando ecoaram no ar, no habitat do vírus. Mesmo distante fisicamente, muito foi dito, informado, confortado e protestado.



Nem Eni Puccinelli Orlandi, nem ninguém imaginaria no início dos anos 2000 uma cidade atravessada como a que observamos neste ano. Mas, algo é notório, os flagrantes urbanos se fazem presentes, lá e cá.

São flagrantes do que chamarei de narratividade urbana. A cidade não tem um seu narrador, um seu contador de histórias (como o cego nordestino, o violeiro, o velho indígena etc.). A narratividade urbana tem vários pontos de materialização (ORLANDI, 2001, p. 11).

Narratividade urbana que afetou profundamente os habitantes. O silêncio da carreta de caixões nas ruas das cidades italianas, o som de sirenes de ambulâncias percorrendo as avenidas de Manaus, a visão panorâmica do alto do helicóptero das milhares de covas abertas no Cemitério de Vila Formosa, em São Paulo (o maior da América Latina) transformaram o espaço público também em um lugar de luto. O adeus às vítimas do vírus aconteceu sem a permissão de qualquer cerimônia ou ritual de despedida do ente querido. É como se todos nós passássemos pela experiência de Antígona, do dramaturgo grego Sófocles. A personagem foi proibida pelo tio tirano Creonte de sepultar o irmão Polinices (SÓFOCLES, 1996).

Por um outro lado, no imaginário, as varandas se converteram em calçadas, em bares, em livrarias, em academias de ginástica. Ver e/ou ouvir as pessoas entoando antigas canções nas janelas daquelas moradias tipicamente romanas foi como resgatar o aroma do famoso almoço de domingo reunindo a grande família. Ou sentir a emoção de estar na plateia de um concerto musical ao contemplar o seu vizinho, aquele jovem violonista no terraço da casa dele na companhia de Mozart. Um “espaço material concreto funcionando como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (ORLANDI, 2001, p. 12).

Para pensar o gesto como parte da corporalidade da linguagem, Eni Puccinelli Orlandi contemplou a janela, bem antes dela se tornar um dos lugares favoritos da residência na quarentena.

A janela em que você debruça para olhar o mar é parte do sentido. Ela dá a inclinação do corpo. É assim que podemos dizer que a corporalidade, os reflexos sensíveis são parte dos sentidos e não algo que eles provocam ou que se juntam a eles. Nos gestos está o sentimento da linguagem, o recorte da formulação, o meio que ela percorre (ORLANDI, 2001, p. 10).

Ao analisar o espaço urbano, a autora ainda afirma:



Nossa finalidade é assim ultrapassar a descrição da organização da discursividade urbana para atingir a compreensão da ordem desse discurso, isto é, procurar entender como o simbólico confrontando-se com o político configura sentidos para/na cidade, dizendo o seu real (ORLANDI, 2001, p. 13).

Neste texto, a linguista parte do que chama de “falas desorganizadas” e chega ao que denomina “narrativa urbana”.

É um modo discursivo de se trabalhar a espessura semântica da cidade, atravessar o urbano e flagrar o real da cidade se significando em faíscas, luminosidades que não duram senão o tempo de um flash, de uma mirada, de um lembrete (efêmero). Mas que ficam na retina produzindo seus efeitos (ORLANDI, 2001, p. 14).

Os flagrantes reais das cidades em 2020 já estão retidos na nossa retina e fazem parte da história que se contará brevemente. Eni Puccinelli Orlandi pontua que é preciso “pensar o espaço material (político-simbólico), sócio-histórico, com uma quantidade de sujeitos (significantes) vivendo dentro” (ORLANDI, 2001, p. 24).

O isolamento social abriu oportunidade de o sujeito se voltar também para sua janela interna. Nesse processo, buscou memórias. Veio à tona a historicidade dos sentidos afetados no espaço público. Um espaço agora sem público. A lembrança foi ou ainda é um alento para aquele corpo que, momentaneamente, não pode ocupar e nem se ocupar de ruas, avenidas, vilas, becos, esquinas, viadutos, cruzamentos etc.

Faço parte desta experiência que jamais será esquecida. Durante o meu isolamento social, a minha memória, por exemplo, resgatou os laços que criei com os espaços públicos e seus sujeitos. Me dei conta da falta desses elementos em minha rotina. Desde adolescente tenho o hábito de andar pelas vias urbanas. A obrigação de percorrer longos caminhos para chegar aos locais de trabalho, de estudo e de lazer foi se transformando, aos poucos, em um movimento prazeroso. Até poucos dias antes do desembarque da Covid-19 em terras brasileiras, eu atravessava de um extremo ao outro quase que diariamente a Pauliceia Desvairada – certamente mais caótica do que a de 1922 de Mário de Andrade – dentro do carro, do ônibus, do vagão do Metrô e a pé (nos trajetos mais curtos).



Figura 1 - Arte na lateral de um prédio localizado na Rua da Consolação (SP). Fonte: Adriana Silvestrini.

Como sujeita, cidadã e portadora de um dispositivo móvel (meu celular modelo ultrapassado com boa câmera) passei a registrar as obras de arte nos muros e paredes que cruzavam os meus caminhos. Contemplar e fotografar os grafites, os desenhos, as pinturas, as frases, enfim, o que chamo de flagrantes artísticos urbanos, despertou a minha conectividade com os espaços da cidade. Não sou fotógrafa profissional e não trato as imagens depois de feitas porque me agrada a ideia de deixar registrado aquele momento que a câmera, guiada pelo meu olhar, detectou. Para além da memória localizada no meu cérebro, recorro ao olhar digital como forma de documentação e divulgação.

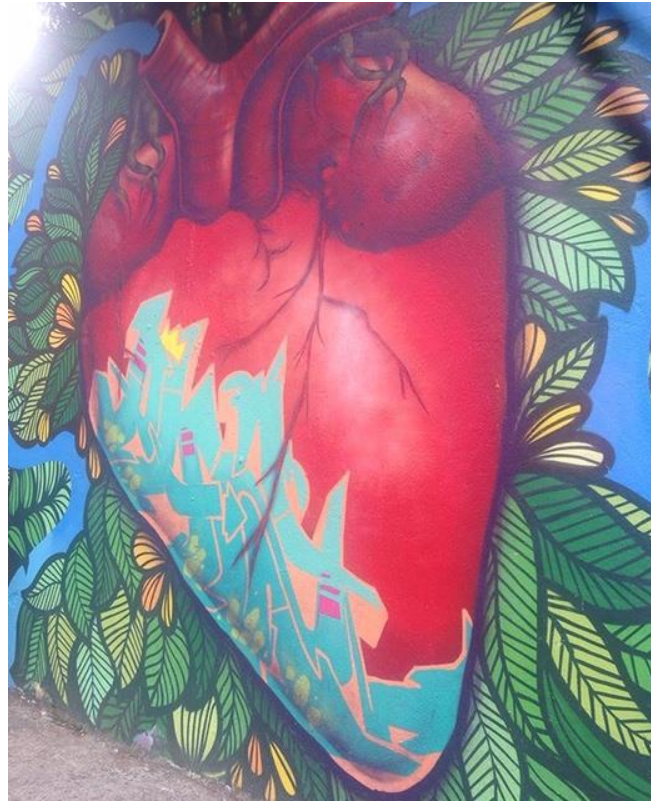


Figura 2 - Arte no muro no Beco do Batman em Pinheiros (SP). Fonte: Adriana Silvestrini.

Essa minha conexão com a cidade é expandida. As fotos são publicadas nas minhas redes sociais. As intitulo como *Arte no Trânsito*. É a minha visão enquanto transeunte. É o movimentar do meu corpo no espaço urbano. O compartilhamento das imagens nas redes digitais tem o intuito de despertar e provocar outros olhares vindos de outros lugares diferentes do meu para gerar, quem sabe, outros sentidos.

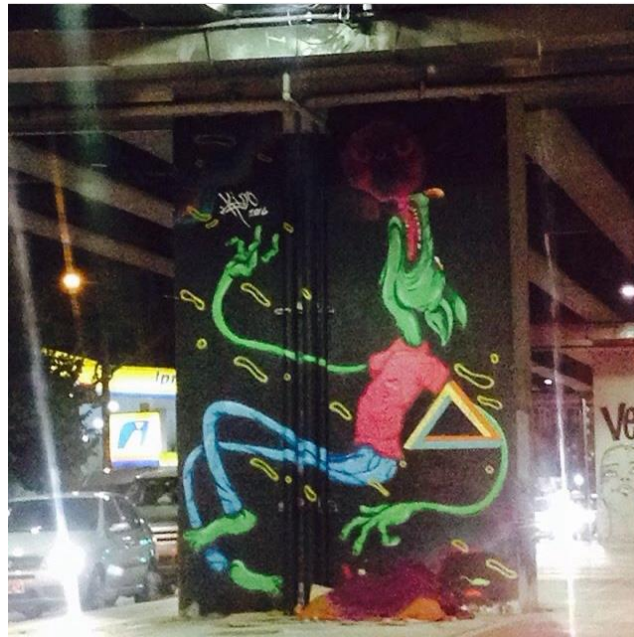


Figura 3 - Arte embaixo do Minhocão (Viaduto Elevado Costa e Silva) na rua Amaral Gurgel no centro da cidade de São Paulo. Fonte: Adriana Silvestrini.

Nesse processo, compreendo a minha *conectividade*, termo cunhado pela pesquisadora Cristiane Dias. No início do capítulo *A cidade como arquivo: mobilidade e sujeito* do livro *Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*, a autora pergunta: “quem é o sujeito dessa mobilidade constituída por dispositivos móveis, aplicativos, redes de informações digitais conectadas?” (DIAS, 2018, p. 199). Logo me identifico.

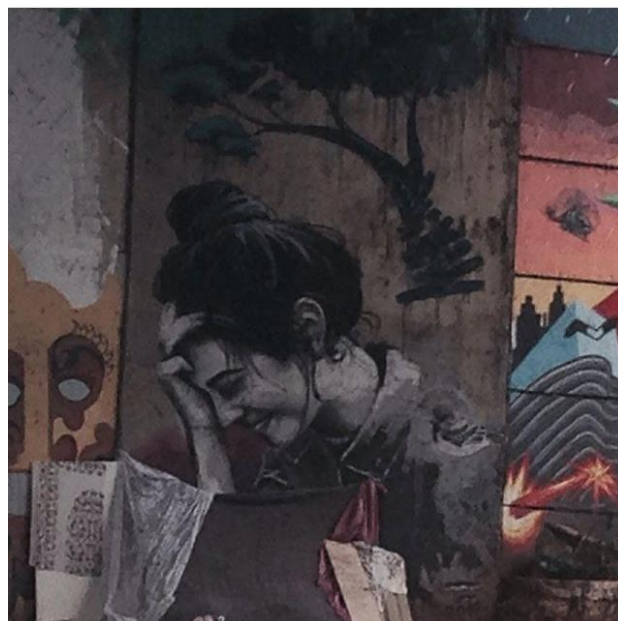




Figura 4 - Arte embaixo do Viaduto Jaceguai em São Paulo.
Fonte: Adriana Silvestrini.

Penso a mobilidade como conectividade, ou seja, uma mobilidade que se produz porque há dispositivos conectados uns aos outros. A cidade contemporânea formada por redes de conectividade é a *conectividade* (DIAS, 2018, p. 199).



Figura 5 - Arte na lateral do prédio localizado na Rua da Consolação (SP). Fonte: Adriana Silvestrini.

Ao abordar o processo de significação da *conectividade*, a autora cita Eni Puccinelli Orlandi que aponta que há um modo de constituição do sujeito, já que o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade (DIAS, 2018).

Os objetos de análise de Cristiane Dias são:

As textualidades que, na *conectividade*, ou seja, na cidade cuja urbanidade se constitui por um processo de metaforização entre o urbano e o digital, determinam a relação do sujeito com os sentidos na ordem do discurso urbano, em sua materialidade simbólica (DIAS, 2018, p.120).

Na investigação surgem vários aspectos na mobilidade. Além de afirmar que ela é uma questão administrativa, a autora mostra que a mobilidade também é política, tecnológica, social e discursiva. A questão administrativa está vinculada ao transporte e infraestrutura



das cidades, já a política diz respeito às instâncias das liberdades de ir e vir das pessoas (DIAS, 2018, p. 120)

A mobilidade é atravessada pela tecnologia, se encontra no campo social e torna-se discursiva porque tem ligação com a sociabilidade, materialidade do sentido do espaço urbano.



Figura 6 - Arte na parede de um imóvel no Centro de São Paulo. Fonte: Adriana Silvestrini.

O isolamento social interfere na minha mobilidade e, conseqüentemente, na minha ação de usar o celular como máquina fotográfica para registrar as artes expostas no cimento que, na minha percepção, são aquelas telas de lona e que depois se tornam telas digitais. Por enquanto me resta contemplar na tela do meu surrado smartphone os registros de meus flagrantes urbanos e a obra *A Persistência da Memória*, quadro do pintor surrealista Salvador Dalí, que aliás aparece como personagem retratada em minhas andanças de outrora. Ambos dizem muito sobre temporalidade e memória.



Figura 7 - Arte no muro próximo ao Minhocão e de frente para Praça Franklin Roosevelt em São Paulo. Fonte: Adriana Silvestrini.

Ainda afetada por essa limitação momentânea de mobilidade, exponho aqui minha subjetividade ao compartilhar, no decorrer do texto, meus flagrantes artísticos urbanos antes da pandemia. Atualmente, essas são minhas recentes memórias digitais de São Paulo, uma cidade clicável. Dezembro de 2020.



Figura 8 – Arte em banca de jornal no Centro de São Paulo. Fonte: Adriana Silvestrini.



Referências

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

ORLANDI, Puccinelli Eni (org.). **Cidade Atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes Editores, 2001.

SÓFOCLES. **Antígona**. Tradução de Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

^[1]Mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Jornalista e filósofa. E-mail: dri.silvestrini@gmail.com